



DECRETO N.º 5035, DE 4 DE JANEIRO DE 1977.

Dá denominações a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9 de 31 de Dezembro de 1.969,

D E C R E T A :

ARTIGO 1.º — Ficam denominadas:

- I — AVENIDA PAULO PROVENZA SOBRINHO a continuação da Avenida 2 do Jardim Campos Eliseos que começa na citada Avenida Paulo Provenza Sobrinho e termina na divisa com a Fazenda Roseira;
- II — RUA PORTO ALEGRE a Rua 1 do Jardim Campos Eliseos que começa na Avenida 2 e termina na Rua 16 do mesmo loteamento;
- III — RUA FLORIANOPOLIS a Rua 2 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Estrada de Campo Grande;
- IV — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 3 que começa na Rua 25 e termina na Estrada de Campo Grande;
- V — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 4 que começa na Rua 25 e termina na Estrada de Campo Grande;
- VI — RUA CURITIBA a Rua 5 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Rua 33 do Jardim Campos Eliseos;
- VII — RUA CUIABÁ a Rua 6 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- VIII — RUA VITÓRIA a Rua 7 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- IX — RUA GOIÂNIA a Rua 8 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- X — RUA BELO HORIZONTE a Rua 9 que começa na Rua 25 e termina na Estrada de Campo Grande;
- XI — RUA RECIFE a Rua 10 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XII — RUA NATAL a Rua 11 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XIII — RUA MACEIO' a Rua 12 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XIV — RUA FORTALEZA a Rua 13 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XV — RUA SÃO LUIS a Rua 14 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVI — RUA TERESINA a Rua 15 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVII — RUA MANAUS a Rua 16 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVIII — RUA APACAJU a Rua 17 que começa na Rua 10 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;
- XIX — RUA MACAPÁ a Rua 18 que começa na Rua 9 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;
- XX — RUA RIO BRANCO a Rua 19 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XXI — RUA PORTO VELHO a Rua 20 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XXII — RUA BOA VISTA a Rua 21 que começa na Rua Exp. Mário Ribeiro do Amaral e termina na Av. Paulo Provenza Sobrinho;
- XXIII — RUA JOÃO PESSOA a Rua 22 que começa na Rua Exp. Mário Ribeiro do Amaral e termina na Av. Paulo Provenza Sobrinho;
- XXIV — RUA EXPEDICIONARIO MARIO RIBEIRO DO AMARAL a Rua 25 continuação que começa na Rua do mesmo nome e termina na Rua 9 do mesmo loteamento;
- XXV — RUA FRANCISCO FERREIRA PIRES a Rua 31, continuação da Rua 33 do Jardim Campos Eliseos que começa na Rua do mesmo nome e termina na divisa com a Fazenda Roseira.

ARTIGO 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal, 4 de janeiro de 1977.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
Prefeito do Município de Campinas
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos por Carlos Roberto M. Guimarães, Coordenador Administrativo do Setor de Expediente da Consultoria Jurídica, com os elementos constantes do protoc. 17053 da 1 de Julho de 1.976 e, publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 4 de janeiro de 1977.

DR. ARMANDO PAOLINELI

R E T I F I C A Ç Ã O

DECRETO N.º 5035, DE 4 DE JANEIRO DE 1977.

Dá denominações a vias públicas da cidade de Campinas.

LEIA-SE NOVAMENTE O ITEM II DO ARTIGO 1.º POR TER SAIDO COM INCORREÇÕES:
"II — RUA PORTO ALEGRE a Rua 1 da Vila Perseu Leite de Barros que começa na Avenida 2 e termina na Rua 16 do mesmo loteamento"

Campinas, 5 de janeiro de 1977.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete do Prefeito

DECRETO N.º 5238, DE 4 DE OUTUBRO DE 1977

Dá nova redação ao artigo 1.º do Decreto n.º 5.035, de 4 de janeiro de 1.977, que denominou vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando de suas atribuições legais.

D E C R E T A :

Artigo 1.º — O artigo 1.º do Decreto n.º 5.035, de 4 de janeiro de 1977, que denominou vias públicas da cidade de Campinas, passa a ter a seguinte redação:

"Artigo 1.º — As vias públicas do loteamento denominado "VILA PERSEU LEITE DE BARROS", ficam denominadas:

- I — AVENIDA PAULO PROVENZA SOBRINHO a continuação da Avenida 2 do Jardim Campos Eliseos que começa na citada Avenida Paulo Provenza Sobrinho e termina na divisa com a Fazenda Roseira;
- II — RUA PORTO ALEGRE a Rua 1 da Vila Perseu Leite de Barros que começa na Avenida 2 e termina na Rua 16 do mesmo loteamento;
- III — RUA FLORIANÓPOLIS a Rua 2 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Estrada de Campo Grande;
- IV — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 3 que começa na Rua 22 e termina na Estrada de Campo Grande;
- V — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 4 que começa na Rua 22 e termina na Estrada de Campo Grande;
- VI — RUA CURITIBA a Rua 5 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Rua 24 do mesmo loteamento;
- VII — RUA CUIABÁ a Rua 6 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- VIII — RUA VITÓRIA a Rua 7 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- IX — RUA GOIÂNIA a Rua 8 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- X — RUA BELO HORIZONTE a Rua 9 que começa na Rua 22 e termina na Estrada de Campo Grande;
- XI — RUA RECIFE a Rua 10 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XII — RUA NATAL a Rua 11 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XIII — RUA MACEIO' a Rua 12 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XIV — RUA FORTALEZA a Rua 13 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XV — RUA SÃO LUIS a Rua 14 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVI — RUA TERESINA a Rua 15 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVII — RUA MANAUS a Rua 16 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVIII — RUA ARACAJU a Rua 17 que começa na Rua 10 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;
- XIX — RUA MACAPÁ a Rua 18 que começa na Rua 9 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;
- XX — RUA RIO BRANCO a Rua 19 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XXI — RUA PORTO VELHO a Rua 20 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XXII — RUA BOA VISTA a Rua 21 que começa na Rua Exp. Mário Ribeiro do Amaral e termina na Av. Paulo Provenza Sobrinho;
- XXIII — RUA EXPEDICIONARIO MARIO RIBEIRO DO AMARAL a Rua 22 que começa na rua de mesmo nome do Jardim Campos Eliseos e termina na Rua 9 da Vila Perseu Leite de Barros;
- XXIV — RUA FRANCISCO FERREIRA PIRES a Rua 23 que começa na rua de mesmo nome do Jardim Campos Eliseos e termina na Rua 9 da Vila Perseu Leite de Barros;
- XXV — RUA NITEROI a Rua 24, continuação da Rua 33 do Jardim Campos Eliseos que começa na Rua Ciolfi e termina na Rua 10 da Vila Perseu Leite de Barros".

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 3 de outubro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas
DR. RALPH TÓRTIMA STETTINGER
Secretário dos Negócios Jurídicos
Eng.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do Protocolado n.º 17.053, de 1.º de julho de 1976, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 3 de outubro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA GOIANIA

(Denominação dada pelo Decreto 5238, de 04-outubro-1977, item IX, à Rua 8 da Vila Perseu Leite de Barros, com início na Rua Recife, antiga Rua 10 do mesmo loteamento e término na Estrada de Campo Grande)



G O I Â N I A

História das capitais

Ali viviam os índios guaiases

GANYMÉDES JOSÉ

Em 1647, Manoel Correia foi o primeiro bandeirante que se aventurou pelas terras do atual Estado de Goiás. Depois de por ali perambular durante um ano, retornou a São Paulo levando alguns índios aprisionados e ouro com o qual mandou fazer uma coroa para Nossa Senhora do Pilar, em Sorocaba. Seguindo o roteiro deixado por esse bandeirante, outros se aventuraram naquelas terras que, conforme diziam, era rica em ouro, prata e pedras preciosas. Dentre eles, Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera.

Em 1722, por ordem do governo de São Paulo, Bartolomeu Bueno da Silva Filho, chefiando uma bandeira composta de 100 homens, entrou pelo sertão, procurando localizar o local onde havia estado seu pai. Depois de muitos desacertos, encontrou o aldeamento dos índios Guaiases — ou Goiás — e os vestígios da roça deixada por seu pai. Foi nessa ocasião que, entre outros arraiais, fundou o de Santana em 1727, arraial esse que, elevado a vila em 1739 com o nome de Vila Boa de Goiás, mais tarde seria elevado à categoria de cidade, tornando-se a capital da província.

Entretanto, quando as terras deixaram de oferecer ouro e a criação de gado bem como a agricultura tornaram-se a verdadeira riqueza de Goiás, sentiram todos que a capital deveria ser transferida para outro ponto. A idéia dessa transferência partiu, na verdade, do Marechal-de-campo Miguel Lino de Moraes, segundo presidente da Província de Goiás, quando em sua gestão (1827-1831).

Muitos anos se passaram, porém, sem que as autoridades efetivamente

tentassem essa mudança. Afinal, em 1932, o Interventor Pedro Ludovico Teixeira assinou, a 30 de dezembro, o decreto que nomeava uma comissão debaixo da presidência do Bispo D. Emanuel Gomes de Oliveira para a escolha de um local onde deveria edificar a nova cidade. Depois de muitos estudos, foi escolhido Campinas (hoje, bairro de Goiânia) e o parecer foi o seguinte: "Considerando que Campinas se acha situada no ponto cêntrico da parte mais povoada do Estado e sua topografia, das mais apropriadas e belas para a construção de uma cidade urbanamente moderna, entre um vasto perímetro de terras de ótima cultura, todas cobertas com mata de superior qualidade e que enormemente facilitarão a construção da nova cidade; a subcomissão é de parecer que a nova Capital seja construída em Campinas, nas proximidades de 'Serrinha', situada na direção azimutal de 130 graus, ou em caso de urgência, em Bonfim."

Aprovado o parecer, foi escolhido o engenheiro Armando de Godói para proceder a estudo definitivo da região. A 27 de maio de 1933 iniciaram os trabalhos de preparo do terreno que ficaram prontos em outubro, acontecendo a 24 o lançamento da pedra fundamental.

Em 2 de agosto de 1935 foi organizado o município da Nova Capital que recebeu o nome de Goiânia, sugerido pelo professor Alfredo de Castro, vencedor de um concurso realizado pelo "O Social", em outubro de 1933. Mas foi a 23 de março de 1937 que se transferiu a capital de Goiás para Goiânia, a cidade onde, antes, viviam os índios Guaiases.

DOMINCO, 30 DE NOVENBRO DE 1980

("Folhinha" da "Folhade S.Paulo" de 30-nov-80)

RUA GOIANIA

Decreto nº 5035 de 04-01-1977

O turista que visitar o Estado de Goiás deve aproveitar a oportunidade para conhecer a jovem capital, Goiânia. Com apenas 49 anos é uma cidade moderna, bem arborizada, com clima quente e saudável.

Planejada para ser a capital de Goiás, obedeceu integralmente a um plano de expansão capaz de manter os limites entre o crescimento físico e a manutenção de qualidades de vida, em termos de condições climáticas, sociais e disponibilidade de serviços básicos, consideravelmente satisfatórios.

Se o seu crescimento superou as estimativas iniciais, permitiu a execução de projetos que procuram contornar a concentração urbana em pólos limitados, estimulando sua diversificação.

O município está situado na microrregião número 10, denominada "Mato Grosso de Goiás". O clima é tropical, registrando-se uma média de 29°C para as máximas e 17°C para as mínimas.

Destacam-se como principais atividades econômicas, a pecuária e a agricultura, sendo que o setor industrial apresenta consideráveis índices de desenvolvimento. Está ligada à Brasília por 192 km de rodovia asfaltada.

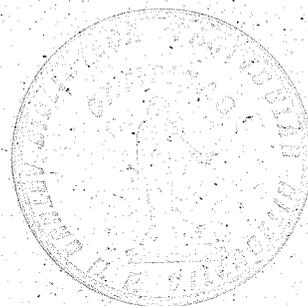
O turista pode aproveitar para conhecer a beleza das praças, destacando-se a Universitária, em um dos pontos mais altos de Goiânia, de onde se pode apreciar o pôr-do-sol de uma posição privilegiada. Aí está instalado o Palácio da Cultura, local de eventos culturais do mais elevado nível.

A juventude faz ponto, nos fins de semana, na Praça Tamandaré, outra das mais bonitas da jovem cidade.

Goiânia tem bons hotéis, bons restaurantes, boas pizzarias, churrascarias, alguns dos melhores motéis do país, boates famosas e muita gente bonita. Um parque de diversões — o Mutirama — instalado às sombras de um bosque natural, o Jardim Zoológico e um dos mais modernos estádios de futebol da América do Sul, o Serra Dourada, com capacidade para mais de 70 mil espectadores. Periodicamente, os melhores pilotos de corrida do País mostram suas habilidades no Autódromo Internacional de Goiânia. O ginásio Rio Vermelho veio preencher uma lacuna, servindo de palco para apresentações esportivas e culturais.

Entre as opções de lazer mais requintadas — o Teatro Goiânia, com capacidade para 712 pessoas, e o teatro Inacabado.

Goiânia, cidade universitária — Universidade Federal, Católica e Faculdade de Anhangüera — pode-se orgulhar de ser uma cidade de opções de lazer. Com suas grandes áreas verdes, ruas simétricas, amplas avenidas, praças floridas, possui uma excelente infra-estrutura turística. As infinitas opções fazem desta cidade um gostoso ponto de encontro, onde a primavera tem realmente 12 meses.



RUA GOIANIA

(recorte do jornal "A Gazeta", de S.Paulo)

Goiania (Do correspondente) — Varias comemorações foram realizadas nesta capital no dia 5 de julho ultimo, que assinala o decimo quinto aniversario do batismo cultural de Goiania e constitui data de grande importancia para o Estado, pois foi então a sua capital entregue à comunhão nacional.

As cerimoniaes civicas e os certames intelectuais e economicos realizados em Goiaz, sob os auspicios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica, nos meses de junho e julho de 1942, por ocasião do batismo cultural da cidade de Goiania, tiveram grande repercussão em todo o país, graças ao cunho altamente patriótico de que se revestiram. As solenidades então realizadas foram iniciadas pela efetuação da Assembléa Geral dos dois Conselhos do I. B. G. E. e do VIII Congresso Brasileiro de Educação. Em seguida, realizaram-se a II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatistica, e a I Exposição de Produtos Regionais. Despertaram interesse dos agricultores e criadores goianos os trabalhos da Semana Ruralista, também efetuada nesta Capital. A Sociedade Goiana de Pecuaria fez realizar a I Exposição Pecuaria, fato que veio consolidar a posição do Estado nesse setor da economia.

FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA DO MUNICIPIO

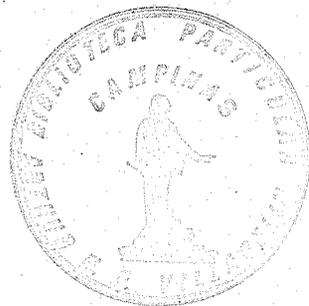
O municipio de Goiania foi criado pelo decreto n.º 327, de 2 de agosto de 1935, com territorios dos então extintos municipios de Campinas e Hidrolandia e partes, para tal fim desmembradas, dos de Anapolis, Bela Vista e Trindade, os distritos de Goiania, Campalizada no territorio do extinto municipio de Campinas e o seu nome foi escolhido num concurso popular, realizado pelo jornal "O Social".

De acordo com os quadros de

divisão territorial, datados de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, Goiania possuía os distritos de Goiania, Campinas, Aparecida, S. Geraldo, Hidrolandia e S. Sebastião do Ribeirão. Pelo decreto n.º 557, de 30 de março de 1938, com os seguintes distritos: o da sede, subdividido em duas zonas (a primeira de Goiania e a segunda de Campinas); e Aparecida, Hidrolandia, Ribeirão e S. Geraldo.

Em consequencia do decreto-lei estadual n.º 1.233, de 31 de outubro de 1938, que fixou a divisão territorial do Estado, em vigor no quinquenio 1939-1943, o municipio de Goiania foi acrescido pelo extinto municipio de Trindade e pelo distrito de Aparecida, englobado ao distrito sede.



SEGREDOS E REVELAÇÕES DA
HISTÓRIA DO BRASIL

PEDRO CALMON

GOIÂNIA E BRASÍLIA

GOIÂNIA é problema de pouca monta, na história de uma cidade, o do nome. Muitas há, em verdade, batizadas solenemente, com a respectiva ata de fundação, em que, antes de lhe surgirem os prédios, com a urbana e poderosa estrutura, já o nome soa, e ressoa, como um vaticínio. Outras — e é o caso do Rio de Janeiro — o têm imemorial e obscuro, sem que se soubesse a justificativa, sequer a data, desse estranho apelido, por isto mesmo insubstituível e eterno. Adquire especial importância a questão, nestes dias em que cidades recentes, nos seus cuneiros de cimento e aço, filhas mais novas da Civilização (e Deus as proteja!), vão por aí repontando viçosas e alegres. Começemos por Goiânia, que é de 1942, para concluir em Brasília — de 1960.

GOIÂNIA foi o título indianista do poema camoniano de Manuel Lopes de Carvalho Ramos, juiz baiano — nasceu em Cachoeira, a 10 de agosto de 1855 — radicado no planalto, cujos climas “bandeirantes” não lhe ensurdeceram a lira romântica. Ao contrário, poeta (o que não espanta), mas autêntico poeta (observe-se com justiça), o magistrado cultivou no Recife “Flôres Poéticas”, e em nada menos de oito mil versos cantou em Goiás o descobrimento daqueles campos. Goiânia salu-lhe em 1930 como um impulso de otimismo nacional, que evocava de início, à moda de Virgílio, Ariosto e Camões, o gênio pátrio. “Eu canto, pátria minha, o herói facundo...” Doou o poema ao Estado, que por lei, em 1895, mandou publicá-lo. Imprimiu-se no Pôrto, no ano seguinte. Ficou sendo a prosopopeia regional, uma espécie de manifesto em oitavina de ufania goiana, algo como a sua sonora revolta contra a rapidez de um destino mediocre. Esse épico sertanejo lembra, no fim do século XIX, o seu precursor paulista, do século de Fernão Dias Paes, Diogo Grasson Tinoco, que, com igual fôlego, se dispunha a cantar as façanhas do descobridor das Minas Gerais. É certo que as suas estrofes refletem mais Santa Rita Durão do que Camões; e em Goiânia palpita, apesar da vestimenta arcaica, o sentimento novo do Brasil. Mas a corrente de ouro da poesia brasileira, na acepção “brasileirante” de poesia criadora de alma e fibra nativista, constitui, através das gerações, uma continuidade inteiriça — e surpreendente. Lê-se Manuel Lopes de Carvalho Ramos com a mesma impressão de civismo lírico que vive em cada uma das obras mestras do indianismo clássico: tingem-se com as cores das madrugada caboclas, civilizando com tôdas as belezas, exatas e imaginadas, da terra moça... O fato é que, tratando-se de mudar a Capital, em 1933, um semanário, “O Social” — da velha Goiás —, abriu oportuno concurso de nomes. O Sr. Alfredo de Faria Castro, com o pseudônimo significativo de Caramuru Silva do Brasil, reportou-se ao poema e sugeriu “Goiânia”. Apareceram os mais disparados palpites, desde Aspirópolis, Petrónia e Petrolândia, até Araguiana, Guaranésia, Aurilândia, Maráulea, Tupirama, Crisópolis e Reliópolis. Tudo isto conta Carlos Pedrosa, em folheto que resume o episódio (junho de 1942). Ganhou Caramuru, ou o bom gosto, que às vezes é o próprio bom senso: e aí está, como nos mapas, esse topônimo de doce pronúncia passou a cobrir uma das realidades mais expressivas do “crescimento” brasileiro. Esqueceu-se, como é de preceito, o poema. Salvou-se porém, a sua fogosa inspiração goianíssima, lá ficou, perpetuado com glória e graça no nome poético.

Brasília é profecia respeitável de José Bonifácio. Aliás, o Patriarca acertou duas vezes num único vaticínio. Propusera Hipólito da Costa (Correio Brasiliense, X, 373) a remoção da Capital do País para um sítio central. Como voltou a essa idéia três anos depois, em 1816, é possível que José Bonifácio lhe conhecesse a opinião, em 1821, quando formulou as “Instruções aos Deputados de São Paulo às Córtes Portuguesas”. Pode ser, entretanto, que ignorasse o alvitre do grande jornalista, e — homem do altiplano — seguisse com originalidade a própria doutrina, do reequilíbrio nacional. “Dêste modo” (aconselhara aos deputados bisonhos) “se chama para as províncias centrais o excesso de povoação vadia das cidades marítimas e mercantis”, além de resguardar a futura capital “de qualquer assalto e surpresa externa”. Positivou este voto na Representação que, em linguagem igualmente utópica, dirigiu em 1823 à Assembléia Constituinte do Império. “Parece muito útil e até necessário (insistia o velho Andrada) que se edifique uma nova Capital do Império para assento da Córte, da Assembléia Legislativa e dos Tribunais Superiores, que a Constituição determinar. Esta Capital poderá chamar-se Petrópole ou Brasília.”

Veja-se isto. De uma cajadada, dois coelhos. Capital que se fundasse, chamar-se-ia Brasília ou Petrópole. Fundou-se em 1845 a da Serra, Petrópolis. Não em homenagem ao pai, mas em louvor do filho. José Bonifácio pensara em Pedro I. Paulo Barbosa, Caldas Viana, Aureliano Coutinho e Koeler pensaram em Pedro II. Mas antes deles pensara o Patriarca. Brasília... é de agora. E o nome assentou como uma luva. Curioso é que o estadista da Independência já lhe previa a grandeza e as dificuldades, quase acertando com a geografia. Apontava para o alto São Francisco, Paracatu... “Em suma, nunca faltam meios quando um povo rico e generoso, como o brasileiro, toma a peito empresas de honra e utilidade nacional.” Concitava a Constituinte a aceitar-lhe o projeto, “em um tempo em que os espíritos pela exaltação em que se acham desejam e precisam ser ocupados em empresas grandiosas e utilíssimas”. Esse lúcido papel é de 8 de junho de 1823.

José Bonifácio foi também poeta, e favorecido das musas, que vez por outra lhe engrinaldam a poesia tempestuosa. Talvez aquele nome, sobretudo no seu contraste com o helenismo lisonjeiro (Petrópolis), lhe ocorresse como um título de poema, este, que não chegou a escrever, por isto mesmo — como tudo o que não passa do sonho — o melhor da sua leitura... Autobiografou-se em versos enérgicos:

Para a moleza não nasceu o vate:
Em ditosos dias chamejava
Sua alma ardente, de heroísmo cheia,
Quando uma pátria tinha.

Vai-lhe por conta da mocidade flamejante a profética Representação à Constituinte.

Como as sementes guardadas nos sarcófagos egípcios, que germinam se novamente lançadas à terra, a proposta de 1823 se converteu em Metrópole; e atualidade. É Brasília de pedra e cal.

RUA GOIÂNIA

Decreto nº 5035 de 04-01-1977

Decreto nº 5238 de 04-10-1977

GOIÂNIA

Habitante: goianense. Unidade da Federação: Goiás. Latitude: 16°40'21"S. Longitude: 49°15'29"O. Altitude: 764 m. Área: 929 km². População residente: 717 948 (1980). Densidade demográfica: 772,8 habitantes por km². Prefeito: Índio do Brasil Artiga Lima.

Receita da União (arrecadada no município): não disponível. Receita do Estado (arrecadada no município): não disponível. Receita prevista da Prefeitura: Cr\$ 862 939 000,00 (1979). Despesa fixada da Prefeitura: Cr\$ 836 524 000,00 (1979). Despesa realizada da Prefeitura: Cr\$ 609 584 000,00 (1978).

Principais atividades econômicas: produção de leite, indústrias de beneficiamento e extração de calcário e fabricação de cimento. Empresas estabelecidas: 15 487 (1973). Cooperativas: 11 (1975). Agências bancárias: 54 (1979).

Ensino: 122 451 alunos matriculados em 262 unidades escolares de 1.º grau (1974); 19 618 alunos matriculados em 52 cursos de 2.º grau (1974); 9 946 alunos matriculados (1974) em 2 universidades e 2 estabelecimentos isocócos (1978). Bibliotecas públicas: 5 (1974).

Hospitais: 58 (1974). Médicos: 698 (1974). Leitos: 5 440 (1979).

Veículos licenciados: 84 828 (1979). Transporte ferroviário: Rede Ferroviária Federal S.A. — RFFSA. Rodovias federais: BR-060 e BR-153. Aeroportos: 2 (1975). Cinemas: 11 (1980). Teatros: 1 (1974). Emissoras de radiodifusão: 9 (1974). Emissoras de televisão: 3 (1979). Jornais: 5 diários (1975). Hotéis: 54 (1979). Telefones: 52 960 (1978).

Goiânia, capital de Goiás, situa-se no chapadão da bacia do Parnaíba. A região, muito plana, permite que a cidade cresça livremente, mas o desenvolvimento industrial é reduzido. Com Anápolis — segunda cidade do Estado — concentrando o beneficiamento da produção agrícola da zona de Mato Grosso de Goiás, Goiânia vive, essencialmente, da comercialização de produtos agropecuários e da extração de calcário para a fabricação de cimento. Cidade artificial, Goiânia era, até a construção de Brasília, a mais nova capital do Brasil. Até o início do século XX, a capital do Estado era a antiga cidade de Goiás, que, tendo surgido no ciclo de mineração, já se encontrava em plena decadência, em consequência de sua localização, longe da área economicamente evoluída, numa região acidentada e com deficiência de água e energia elétrica. Tendo-se decidido que o centro administrativo precisaria ser deslocado para onde pudesse contar com transporte ferroviário, decretou-se, em 1933, a mudança para a região de Mato Grosso de Goiás, que em breve se encontraria ligada por estrada de ferro ao Triângulo Mineiro. Em 1935, aprovou-se o projeto do engenheiro Atilio Correia Lima — um plano de tipo radiocêntrico, dividindo a cidade em três zonas: centro, administrativa; norte, comercial e industrial; sul, exclusivamente residencial — e a construção foi concluída nesse mesmo ano. Antes, o local, ocupado por esparsas fazendas de gado, não tinha mais de oitocentos moradores. Em 1938, a população já se elevara para 9 mil e dois anos depois Goiânia possuía 48 mil habitantes. A partir dos anos 50 a cidade experimentou verdadeira explosão populacional. É possível que a construção de Brasília, na segunda metade da década de 50, tenha muito a ver com esse crescimento, já que transformou a cidade em entreposto de material transportado do Sul para as obras do futuro Distrito Federal. Os números surpreendentes do crescimento da população de Goiânia, segundo o Censo, são os seguintes: 1950: 53 359; 1960: 153 505; 1970: 381 655; 1981: 717 948.



(Extraído de fls. 123 e 124 do "Almanaque Abril" para 1982, da Editora Abril S. A., de São Paulo)